

## **ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE A IMPORTÂNCIA DO CORDEL PARA A CULTURA E ARTE BRASILEIRA**

Eduarda Caroline Valendorf<sup>1</sup>

Márcia Toscan<sup>2</sup>

**RESUMO:** Analisando a importância e a diversidade que é a arte brasileira e como ela retrata a cultura e vivência de um povo buscou-se através desta pesquisa bibliográfica destacar a importância que a arte brasileira destaca no cenário brasileiro e até mundialmente. Destaca também quais os motivos que surgiram na sociedade atual, como a Indústria Cultural que primeiramente causou impacto, mas que, entretanto serviram como auxiliares na sua difusão e que também poderão ser utilizados como recursos em sala de aula. Para conclusão do trabalho será feita uma observação através da confecção de xilogravuras em uma determinada turma, para compreender como os alunos recebem o Cordel e se o julgam importante para a arte brasileira.

**PALAVRAS-CHAVE:** Cordel, Xilogravura, Suporte didático e Indústria Cultural.

**ABSTRACT:** Analyzing the importance and the diversity that is the Brazilian art and how it portrays the culture and experiences of a people was sought through this bibliographic search highlight the importance that the Brazilian art stands out in Brazilian scenario and even worldwide. Also Highlights what are the reasons that have emerged in the current society, such as the Cultural Industry that first caused an impact, but who nevertheless served as stoop in their diffusion and that can also be used as resources in the classroom.

**KEYWORDS:** Twine, Woodcut, didactic Support and Cultural Industry.

---

1 Acadêmica do 6º período do Curso de Artes Visuais da FACIAP – Faculdade de Ciências Aplicadas de Cascavel. [duda-valendorf@hotmail.com](mailto:duda-valendorf@hotmail.com).

2 Professora orientadora, [toscanmarcia@gmail.com](mailto:toscanmarcia@gmail.com)

## INTRODUÇÃO

A Arte brasileira é muito rica e diversificada, cada região possui formas diferentes de se expressar, porém como é de costume, o brasileiro muitas vezes deixa de valorizar a arte de seu país para valorizar a famosa arte estrangeira.

Este artigo busca compreender a importância do Cordel para a arte brasileira, relatando suas origens, seu contexto histórico e sua situação atual no cenário brasileiro, além de compreender os motivos que trouxeram certas “ameaças” para a confecção do Cordel. Em todas as abordagens citadas a seguir será feito uma breve relação entre o Cordel e o meio educacional na área de artes, relatando também como pode ser valorizado este assunto nas aulas de artes, estimulando o aluno a conhecer e apreciar estes trabalhos e de que maneira este assunto pode servir como suporte didático para os professores.

Primeiramente será contextualizado o surgimento do Cordel, destacando suas origens, alguns dos principais artistas, destacando a importância da valorização da cultura regional para esta arte. Além disso, será feito um paralelo com o assunto em sala de aula, destacando algumas ideias sobre o assunto.

Em um segundo momento será apresentada a técnica de xilogravura, que é a arte de ilustração do Cordel, relatando também seus aspectos históricos e de que forma esta técnica é realizada. Neste momento também será destacado alguns fatores sobre a técnica em sala de aula.

E por fim serão levantadas algumas hipóteses que procuram compreender os reais motivos que “ameaçam” o Cordel para a sociedade atual relacionado principalmente ao impacto do surgimento da Indústria Cultural analisando desta forma os fatores que surgiram com o mesmo e as consequências de todos esses fatores para o Cordel. Para a concretização da pesquisa será feito um estudo sobre “Qual o conhecimento que os alunos possuem do Cordel nos dias de hoje, e qual o grau de importância que eles julgam sobre o assunto nas aulas de artes?” este estudo será realizado com a turma de Educação de Jovens e Adultos da Escola Nélcio Felini do município de Laranjeiras do Sul- PR.

Para concretizar esta pesquisa será realizado um trabalho sobre o Cordel, com 20 educandos da turma de Educação de Jovens e Adultos com uma determinada escola do município de Laranjeiras do Sul. No trabalho realizado, foi apresentado aos alunos um Livro de Cordel, além de imagens e uma apresentação do histórico dos Cordéis. Após estas apresentações foram feitas perguntas orais referente ao Cordel, primeiramente foi perguntado quem já tinha manuseado ou teve algum tipo de acesso ao Cordel mesmo pelos meios de comunicação. Mais da metade da sala nunca teve um acesso a um Cordel, entretanto já tiveram certo conhecimento do assunto através de reportagens na televisão. A segunda pergunta feita aos alunos foi sobre a Gravura. O objetivo era saber quantos deles já tiveram contato com a técnica. A maioria da turma respondeu que não conhecia e os que já tiveram algum contato também foi somente pelos meios de comunicação.

## **Literatura de Cordel: Contexto histórico e sua relação com a Arte**

A Literatura de Cordel pode ser considerada uma das mais complexas manifestações culturais do Brasil. O significado de seu nome obteve-se em Portugal, pois, quando eram expostos ao público, era amarrado em cordões, este se encontravam em ruas, feiras e pequenas lojas.

Conforme Santos (2005), o Cordel chegou a América Latina através de colonizadores portugueses e espanhóis. O Cordel em Portugal era chamado de “Folhas Soltas”, na Espanha era conhecido como “Pleitos Suelos” e na França “Littérature de Colportage”. Quando chegou ao Brasil ficou conhecido como Folheto de Feira ou Literatura Popular em versos.

Conforme Santos (2005 p. 86):

A literatura popular (folhetos de feira ou ainda folhetos de cordel), no Brasil, surgiu aproximadamente em 1890, nas feiras nordestinas. De modo geral os folhetos de cordel são textos em versos com impressão em folhas de papel de baixa qualidade dobradas e encadernadas, com capas ilustradas em xilogravuras, desenhos ou ainda imagens de jornais cujo formato e quase sempre 11x16 cm, com 8, 16, 32 e 64 páginas (é considerado folheto de 8 e 16 páginas, e partir de 24 páginas e chamado de romance). Os folhetos de cordel são impressos, tradicionalmente, em oficinas de tipografia.

Ainda conforme Santos (2005), os Cordéis eram baseados em narrativas européias medievais que eram contadas em voz alta. Seus assuntos eram os mais variados possíveis relatando fatos políticos e sociais, eram lendas, histórias eruditas, romances, fatos históricos, viagens, guerras, confrontos entre o bem e o mal. Aos poucos o Cordel foi baseando-se na vivência nordestina no Brasil, criando dessa forma raízes características, percebe-se isso pela utilização de temas como secas e enchentes servindo como relatos das histórias.

Segundo reportagem realizada pelo Globo Rural (2011), e que relata o surgimento do cordel no Brasil, não existe um folheto igual ao outro, e também pode ser considerada uma obra de arte requintada. Quando o Cordel surgiu no Brasil sob influência dos colonizadores portugueses, chegou primeiramente em Salvador para em seguida se espalhar para as demais regiões do Nordeste brasileiro. Há uma observação importante neste contexto de que primeiramente o Cordel não era escrito e sim feito em versos e rimas, geralmente cantado pelos seus compositores, pois, ainda não havia chegado a imprensa no Brasil. Destaca-se a ideia de que o Cordel nos dias de hoje pode ser considerado uma mídia popular, ou seja, pode ser considerado o precursor dos meios de comunicação. Antes do surgimento das tecnologias atuais (televisão, internet, rádio) o povo do nordeste principalmente os que moravam na roça já utilizavam o Cordel para retratar suas histórias. O Cordel também passa a obter uma função informativa.

Percebe-se através do pressuposto acima a importância do Cordel para a divulgação

de informação e como consequência o surgimento de novos meios de comunicação além de ser considerada uma forma de reprodução de cultura.

A partir disso, percebe-se a importância da cultura para a Literatura de Cordel, como retrata Assis e Tenório (2012, p.04):

A cultura é o que dá sentido a vida humana. Todo ser humano é dotado de cultura, e esta é sua essência, a cultura é construída na vida e em sociedade e é pelo meio social que a transmitimos e a transformamos. As diferentes culturas interagem e a todo o momento, revelam traços umas das outras.

A partir daí procura-se compreender algumas definições de cultura, levando em conta que alguns autores fazem considerações diferenciadas sobre o assunto. Para Silva e Souza (2006 p.16) “cultura é o registro de um povo, representando uma maneira de pensar e agir diante do mundo, ao passo que o indivíduo se vê percebe-se também a sociedade em que vive”. A citação relata claramente o objetivo do cordel, de que retratava as histórias vivências pelo próprio povo nordestino.

Já para Oliveira (2002 p. 156) “a cultura não é sempre a mesma. Apresenta forma e características diferentes no espaço e no tempo”. Ou seja, cada grupo tinha sua própria forma de representação.

Este é o fator primordial do Cordel, e que a partir de seu surgimento no Brasil alcançou grande proporção e espalhou-se por várias regiões, percebe-se isso com a citação de Santos (2005 p.86): “Se antes o folheto interessava somente ao público nordestino hoje ele soube conquistar o mundo moderno e seduz tanto os pesquisadores nacionais, como os internacionais, universidades, escolas, colecionadores e turistas.”

Entretanto, no decorrer do tempo em que o Cordel passou a se disseminar pelas demais regiões do país, começou a ser criada uma falsa identidade do Cordel, que Assis (2010) chamou de “Sete Mitos do Cordel”.

Segundo Assis (2010), o primeiro mito era: para ser Cordel tinha que ser vendido pendurado em um cordão, este mito é baseado em uma visão cultural, porém, tradicional, estes folhetos eram pendurados inicialmente em cordões geralmente em feiras, porém com o tempo os folhetos passaram a estar em muitos lugares, por isso esta é uma visão equivocada do Cordel. O segundo mito é que todo Cordel deve ser ilustrado com xilogravura a xilogravura começou a ser utilizada somente para baratear os custos, mas isto não significa que não poderia ser feita de outra maneira. O terceiro mito era que tinha que ser impresso somente em papel jornal, é certo dizer que até o surgimento das máquinas de xérox inicialmente os Cordéis eram impressos em folhas de papel jornal, entretanto após a popularização não só destas máquinas, mas também das impressoras os métodos e os papéis para impressão passaram a ser os mais variados.

Ainda conforme o autor, o quarto mito era que todo Cordel era escrito em linguagem

matuta, ainda há muita discriminação com o Cordel, muitos acreditam que o cordel era somente escritos por semi-analfabetos ou por pessoas com um pequeno repertório verbal. Havia muitos escritores de Cordel que possuíam pouca escolaridade, mas isto não significava que não sabiam escrever histórias, há também o fator de que os escritores queriam deixar suas histórias mais cômicas e acabavam usando um palavreado mais rústico. O quinto mito mostra que o Cordel só fala de coisas relacionadas ao meio rural, há um equívoco muito grande de que os cordelistas retratavam somente os lugares e os personagens referentes aos lugares em que moravam. Este é um grande erro principalmente dos pseudopesquisadores que como Assis (2010) diz “os que não lêem Cordel”, pois desde o início do surgimento do Cordel os temas eram os mais variados possíveis, desde histórias criadas pelos próprios autores até histórias envolvendo fatos com presidentes.

Assis (2010) ainda fala do sexto mito envolvendo Cordel, que diz que só escreve Cordel quem é nordestino, é necessário ressaltar que o Cordel faz parte do nordeste, mas com a intensa difusão chegou a outras regiões. E o sétimo e último mito denomina o Cordel como poesia inferior, muitos confundem o baixo custo, os lugares onde são escritos, as regiões da onde o Cordel surgiu com uma escrita inferior e sem muito valor, muitos não percebem a riqueza popular do Cordel principalmente para a Arte Popular brasileira, por isso não dão seu devido valor.

Mas qual seria a relação da Literatura de Cordel com a arte propriamente dita? A resposta é tudo! O Cordel tem como grande aliada a Arte, pois, primeiramente a ilustração dos livros/histórias de Cordel eram confeccionadas através da xilogravura, como foi visto no texto inicialmente era contada através da oralidade e muitas vezes em músicas. Analisando estes aspectos percebe-se a questão de que o Cordel além de pertencer ao campo da Literatura também está inserido no campo artístico, que se encaixa como arte popular.

Percebe-se desta forma um caráter interdisciplinar da Literatura de Cordel destacando-se principalmente no campo artístico, este assunto pode contribuir para a compreensão artística principalmente nas escolas, auxiliando aos alunos na assimilação artística através de diferentes assuntos, conforme as Diretrizes Curriculares da educação Básica de Artes – DCE (2008, p. 26):

Desta perspectiva, estabelecer relações interdisciplinares não é uma tarefa que se reduz a uma readequação metodológica curricular, como foi entendido no passado, pela pedagogia dos projetos. A interdisciplinaridade é uma questão epistemológica e está na abordagem teórica e conceitual dada ao conteúdo em estudo, concretizando-se na articulação das disciplinas cujos conceitos, teorias e práticas enriquecem a compreensão desse conteúdo.

Já conforme Silva, Arcanjo, Souza, Silva, Souza, Lucena, Araújo, Lucena, Tenório (2010, p.312)

Nos últimos anos, identifica-se a utilização de novos métodos e técnicas para o ensino, pautadas em diversas tecnologias, sejam elas contemporâneas ou tradicionais. Ou

seja, o uso de linguagens alternativas e novas formas de apresentar conteúdos. Entre eles, destacamos aqui, a literatura de cordel, como linguagem alternativa para promover significado ao ensino. Um dos pontos mais relevantes acerca desse tipo de literatura que destacamos aqui é a sua relação com a perspectiva interdisciplinar. A interdisciplinaridade consiste na junção de componentes curriculares ou áreas de conhecimento diferentes, tendo como objetivo a construção do conhecimento conjunto. Diante da falta de integração das mais diversas disciplinas, surge a interdisciplinaridade, como recurso que reformula o paradigma epistemológico da construção do conhecimento. Tal fragmentação provém da doutrina positivista, que dividiu as ciências em várias disciplinas.

Na área educacional, o Cordel pode exercer funções que despertem o interesse dos alunos até mesmo para a compreensão da arte regional brasileira já que a Arte nordestina muitas vezes é discriminada nas demais regiões do Brasil. Percebe-se que na prática o interesse maior na técnica utilizada na ilustração das técnicas do Cordel. A gravura é a herança do Cordel mais usada no campo artístico, entendida através dos alunos como um simples carimbo. Entretanto o assunto pode ser utilizado na teoria percebendo as diferenças entre a Arte Popular e a Arte Erudita.

Segundo as DCE (2008, p.59) de Artes:

Arte popular é aquela produzida e vivenciada pela classe trabalhadora, por grupos sociais (menos favorecidos) e étnicos, e compõem um espaço de sociabilidade que constitui a identidade dessas classes e desses grupos. Neste campo, inclui-se o folclore que tem a particularidade de ser uma manifestação artística a qual permanece por um tempo maior na história de uma determinada cultura.

A Literatura de Cordel é uma Arte popular, pois os artistas muitas vezes não têm formação artística nenhuma, são poucos os que possuem uma formação específica e que continuam trabalhando neste ramo, muitos não completaram seus estudos, porém, tem um grande potencial artístico e alguns trabalhos são considerados mais belos do que muitas obras de arte. Na maioria das vezes, o sustento das famílias desses artistas populares vem do próprio Cordel.

As DCE de Arte (2008, p.59) também definem a Arte Erudita que é o oposto da Arte Popular:

A Arte Erudita é ensinada, difundida e consagrada nos cursos de graduação como a grande arte, tais cursos formam tanto artistas quanto professores de Arte, profissionais, que dessa maneira, passam igualmente a difundi-las. Sua principal forma de divulgação e distribuição são os museus, teatros, galerias, salões de artes, bienais, etc. Legitima-se por meio dos críticos de arte e da circulação por meio das vendas de suas obras a uma elite financeira. Essa

forma de arte tem um campo de ação restrito, por está disponível quase que exclusivamente para uma pequena parcela da população que possui grande poder aquisitivo.

A Arte Erudita é mais requintada e prestigiada pelo público. Mesmo sendo adquirida por uma parcela menor de pessoas, principalmente as que possuem uma melhor condição financeira a Arte Erudita muitas vezes é considerada superior a Arte popular.

### **A Arte do Cordel: Xilogravura**

Segundo Araújo (2012), xilogravura é a gravura obtida pelo processo de xilografia, que significa arte de gravar em madeira. Técnica de impressão em que o desenho é feito utilizando materiais específicos (buril ou faca, goiva e o formão), através destes são feitos desenhos em uma chapa de madeira.

O autor destaca a questão da funcionalidade da xilogravura, que também pode ser considerada como um carimbo, podendo ser reproduzida quantas vezes quiser. Entretanto podem-se utilizar também outros materiais como linóleo (linóleo gravura), ou qualquer superfície plana.

Ainda conforme o autor, a xilogravura tem origens da cultura oriental, onde já era utilizada pelos chineses no século VI. Com a intensa difusão em diversas regiões do mundo ganhando espaço no campo das artes. Segundo Costella (2003, p.10)

Os chineses praticavam a xilografia há mais de um milênio. Empregaram-na inicialmente para imprimir orações budistas e, depois, cartas de baralho e papel moeda. Ainda no Oriente, os japoneses utilizaram a xilogravura já no ano 770, para estampar talismãs. Foi com o emprego da xilografia que os chineses produziram os primeiros livros impressos pelo homem.

Em seguida a xilogravura passa a se espalhar na Europa, Costella (2008) ainda destaca que as primeiras manifestações xilográficas tinham como objetivo estampar tecidos. Mais tarde passou a ser impressa em papel, quando começou a serem feitas xilografias em cartas de baralho e também imagens sacras. Assim como aconteceu com a China, a Europa também teve seus primeiros livros impressos em xilogravuras.

O autor ainda relata sobre o surgimento de uma nova forma de xilogravura, chamada de Xilografia de Topo, que chegou na Europa influenciou os trabalhos de Thomas Bewick, a técnica é muito parecida com a tradicional entretanto é cortada no sentido transversal e não longitudinal, ao longo dos séculos a xilografia vinha sendo entalhada somente em tábuas, com a xilografia de topo as imagens podem ser gravadas com o buril (instrumento metálico com ponta chanfrada) em madeiras cortadas transversalmente ao tronco de árvores.

Segundo Costella (2008, p. 38) em seu livro, relata sobre a xilografia de topo e as contribuições e de que forma foram divididos os trabalhos, além de suas influências nos trabalhos de alguns artistas:

Por permitir riquezas de minúcias, a nova técnica passou a ser usada para ilustrar jornais e revistas em todo o mundo. A fim de atender às inúmeras solicitações dos periódicos, formaram-se empresas de xilografia de topo, nas quais não só os membros de uma equipe dividiam entre si várias tarefas (desenhos, cópia do desenho, entalhe etc.) como também utilizavam-se máquinas especialmente criadas para algumas funções, como as de entalhar fundos por exemplo. Embora talvez não tenha sido o primeiro a praticar a xilografia de topo, o inglês (1753-1828) aperfeiçoando-a, tornou-se seu grane divulgador.

O autor ainda cita o nome de alguns artistas que tiveram grande importância na xilografia de topo sendo eles: Gustave Doré, John Gilbert, Richard Doyle, Frederick L. Unzelmann, Alexander Anderson entre outros.

Já no Brasil o autor relata que não houve nenhuma comprovação de datas e lugares do surgimento dos primeiros trabalhos em xilogravuras. Conforme relatos de viajantes as primeiras manifestações foram observadas em tribos indígenas utilizados para desenhos rituais no corpo humano e algumas vezes em peças roupas. Costella (2008 p.50) cita neste trecho as tribos e como eram feitos estes carimbos:

Mais de duas dezenas de tribos indígenas, comprovadamente, utilizaram-se desta técnica, destacando-se, pela destreza artesanal e pela variedade de modelos, os canelas, os apinajés e os xavantes. Algumas matrizes indígenas não passam de “carimbos naturais”, como, por exemplo, o fruto do babaçu, apenas cortada ao meio ou a taquara, usada de topo para imprimir uma circunferência. Outras, porém são matrizes laboriosamente entalhadas em madeiras ou em talos vegetais.

Conforme o autor, em meados do século XIX, a gravura de topo começa a ser mais utilizada no Brasil, para elaborar ilustração direta, utilizadas para periódicos, livros, anúncios e impressos comerciais. Ao final do século XIX no nordeste brasileiro alguns contadores de versos, aproveitando o tempo no interior de algumas regiões e apropriando-se com equipamentos mais modernos, começaram a produzir folhetos impressos fixando tipograficamente estas poesias. Estes folhetos elaborados ficavam expostos nas feiras, a partir daí estes folhetos passam a ser conhecidos como a Literatura de Cordel. Entretanto precisava-se de algo que incrementasse estes folhetos e encontraram na xilografia este recurso, além de ser mais atraentes tinham um baixo custo.

Conforme J. Borges (2006) foi Francisco das Chagas Batista que em 1907, que elaborou o primeiro folheto, intitulado A história de Antonio Silvino que trouxe a xilogravura. O trabalho se destacava pela riqueza de detalhes baseadas nas xilogravuras européias.

Conforme Franklin (2007), a gravura popular que era utilizada na Literatura de Cordel surgiu em 1907 no Nordeste, completando seu centenário, 200 anos após as chegada da imprensa no Brasil. Foi Francisco Chagas Baptista que elaborou a primeira xilogravura, como retrata Franklin (2007 p.15)

Na página interna onde era impressa a xilogravura, não havia título e nenhum tipo de apresentação, apenas a legenda pura e simples com o nome de Antonio Silvino. Um homem vestido com chapéu de couro, com bacamarte na mão e espada na cintura, mais parecido com o estilo europeu.

Porém mesmo sendo uma arte que estava começando a trilhar seu espaço no meio cultural, segundo pesquisador Abelardo Rodrigues *apud* Franklin (2007), a xilogravura só passou a ser reconhecida e obter sua independência com José Césio Regueira Costa que em 1953 fazia parte do Departamento de Documentação e Cultura mandando alguns trabalhos para Suíça para o Museu de Etnografia de Neuchatel.

O autor ainda retrata que em 1960, a xilogravura começou a receber alguns ajustes (tamanho e detalhes mais dramáticos). Nesta época, o palco de disputa do Cordel era Pernambuco e Ceará para o ranking das xilogravuras. Ceará saiu na frente da disputa, percebe-se isso no trecho de Franklin (2007, p.23).

O Museu de artes da universidade di Ceará – MAUC organizou os primeiros originais de matrizes, ou trechos da xilogravura popular nordestina, adquiridos na primeira execução. O cuidado acadêmico iniciado pelos cearenses trouxe repercussão. A Faculdade de Filosofia do Crato editou em 1960 um álbum com gravuras de Walderedo Gonçalves. O esforço de ampliar o acervo da gravura popular prosseguiu. A própria universidade encomendou trabalhos especiais a Mestre Noza e Walderedo Gonçalves. Eles foram publicados em 1962 por iniciativa de Silvério Esmeraldo que saíra da França para férias no Ceará.

Franklin 2007, ainda destaca alguns dos principais xilogravadores do Brasil, o autor cita estes nomes através de seus nomes artísticos, sendo eles: Antônio de Araújo Lucena, Ciro, Costa Leite, Dila, Enéas, Maxado, Jerônimo, J. Barros, J. Borges, J. Miguel, J. Pedro, Joel, Marcelo Soares, Minelvino, Palito, Stênio, Valderedo, Zênio entre outros.

Dentre eles destaca-se J. Borges, um artista que possui belíssimos trabalhos alcançando reconhecimento nacional e internacional. Em seu livro *Gravura de Cordel do Brasil* (2006) relata todo o início do seu envolvimento com o Cordel, que foi devido ao medo que ele tinha em cortar cana, pois achava um trabalho muito torturador. Buscando alternativa começou a escrever e vender cordéis iniciou os trabalhos de gravuras com sua própria convicção. A única coisa que sabia sobre gravura era que devia ser feita em madeira plana para dar impressão. J. Borges (2006, p. 13) destaca o início de sua vida como artista no seguinte trecho:

Não tive professor pra nada. Nunca vi fazer. Inventei de comprar uma gráfica, comprar uma maquinazinha manual. Comprei a máquina. Nunca tinha visto fazer a montagem dos tipos. Eu consegui montar os tipos e fazer a diagramação, imprimir

o Cordel, tudo por convicção minha.

O Artista ainda destaca dois fatores significantes em seus livros. A falta de novos artistas no campo do Cordel, e utilização das “mentiras” para o sucesso de suas histórias. J. Borges (2006, p.29) diz:

O jornal, a revista, o cinema, a televisão e o rádio têm seu público. Mas o Cordel também tem seus leitores e seu público, que dá o escoamento à produção. O problema é o seguinte: o Cordel sofreu a falta de gente jovem assumindo o papel de cordelista. Hoje em dia só tem cordelista da minha idade em diante. Os que estão vivos estão cansados. Não veio uma camada de substitutas que quisesse enfrentar as feiras, as praças, o sol quente, o ser um poeta para viver assim, mais conhecido, vestindo melhor, viajando, conhecendo os lugares e tendo uma profissão digna e correta. Uma profissão cultural muito bonita, que chama atenção de todo mundo do lugar. Se eu tivesse 18 anos hoje, eu voltaria a ser um cordelista, do meio da feira, para conversar com o meu povo.

Nas escolas a xilogravura é a parte do Cordel mais conhecida e que atrai a atenção dos alunos nas aulas de artes. A xilogravura nada mais é que um simples carimbo, que pode ser confeccionado com uma variedade de materiais alternativos: sabão/sabonete, em verduras como a batata, podem ser feitos em E.V.A, em diversos tipos de madeiras, em borrachas, em isopor, enfim usando a criatividade tudo pode ser transformado em carimbo.

Nas DCE de Artes 2008, na tabela de conteúdos estruturantes da 6º série/7º ano a gravura é citada como uma técnica que deve ser passada ao aluno que cursa aquela série, porém nada impede que em outra etapa/ano o assunto pode seja retomado, como por exemplo, na Arte popular.

A partir deste pressuposto, percebe-se a importância do Cordel para o ensino da Arte, pois, além de ser um assunto interdisciplinar possibilita a compreensão da Arte Popular, das formas de realizar esta técnica além de valorizar a Arte brasileira. Porém isso depende da força de vontade dos profissionais da educação de planejar aulas que conduzam à participação e ao interesse dos alunos. Oliveira (2007, p. 27) destaca a importância do planejamento seja em qualquer disciplina:

O planejamento educacional torna-se crucial no sentido de atingir os verdadeiros propósitos da educação do cidadão, primeiramente, o planejamento busca direcionar a educação considerando o contexto nacional, regional, local e comunitária que o indivíduo está inserido, buscando sempre ‘uma educação que, pelo processo dinâmico, possa ser criadora e libertadora do homem. Planejar uma educação que não limite, mas que liberte que conscientize e comprometa o homem diante do seu mundo. Esta é o teor que se deve inserir em qualquer

planejamento educacional?.

Porém existe um grande empecilho, que muitas vezes prejudica os profissionais em busca de materiais específicos para se trabalhar nas escolas. É difícil, por exemplo, encontrar um “livrinho de Cordel” para que os alunos possam observar e manusear estes trabalhos. Geralmente são feitas algumas abordagens em livros didáticos, porém, de forma superficial e distanciada não proporcionando ao aluno interesse ao assunto.

### **A Indústria Cultural: contribuição educacional destes elementos e algumas ameaças ao\_Cordel.**

Vivemos em uma sociedade de constantes mudanças, sejam elas boas, trazendo consequências positivas ou ruins trazendo consequências negativas. No caso do Cordel as mudanças ocorridas trouxeram impactos tanto para um lado como do outro. Do decorrer da história do Cordel surgiram fatos que causaram certo esquecimento, entretanto ao mesmo tempo trouxeram contribuições principalmente no campo educacional. Um dos primeiros fatores é do que chamamos de Indústria Cultural. Segundo as Diretrizes Curriculares Nacionais de Arte (2008 p.59):

Denominada indústria cultural pelos filósofos da Escola de Frankfurt, é também conhecida como cultura de massa. É ela responsável pela produção e difusão em larga escala de formas artísticas pela grande mídia. É através dela que a arte é transformada em mercadoria para consumo de grande número de pessoas. Para a indústria cultural é de pouca importância a qualidade dos produtos, pois é uma quantidade cada vez maior de público que se propõe a atingir, tendo por objetivo principal a obtenção do lucro das vendas dessa mercadoria. Esta indústria se alimenta da produção artística tanto pela arte popular (cultura popular), como da arte erudita, descaracteriza-as por meio de equipamentos e tecnologias sofisticadas a as direciona para uma produção em série.

Conforme Teixeira (1993, p.33) há fatores quantitativos que fazem uma comparação entre a TV e o rádio mostrando a proporção de pessoas que estes elementos alcançaram no decorrer do tempo no Brasil:

Há no Brasil cerca de 2.000 estações de rádio e 140 de TV. Do outro lado da antena, são 56 milhões de aparelhos receptores de rádio e 26 milhões de TV (15 milhões a cores). Teoricamente, a rede de rádio pode cobrir todos os habitantes do país, enquanto a TV alcança entre 60 e 80 milhões de pessoas. Todos estes dados <e os que se seguem) são de 1988. Em 1980, o número de estações de rádio era exatamente a metade e quase a metade era também o das estações de TV. O

número de aparelhos de rádio não dobrou (eram 37 milhões), mas o de receptores de TV, sim (eram 13 milhões). A duplicação das estações geradoras de rádio e TV poderia ser um bom sinal se as concessões não fossem feitas segundo critérios estreitos e enviesados que atendem antes a interesses individuais e de grupos de poder do que a interesses da coletividade.

Através do surgimento da Indústria Cultural existe um questionamento se isto é benéfico ou não para os seres humanos? A resposta seria muito relativa, dependendo do ponto de vista do indivíduo que a avalia. A questão é que os termos “meios de comunicação”, “comunicação em massa” e Indústria Cultural estão cada vez mais presentes no dia a dia dos seres humanos.

Conforme a citação acima se percebe que com o surgimento da Indústria Cultural o Cordel começou a perder parte de seu espaço no cenário cultural. Através da Indústria Cultural e a inserção de novas tecnologias o cordel perde parte de seu prestígio, pois o trabalho lento, minucioso e detalhista feito pelos cordelistas nordestinos passam a ser substituído por tecnologias cada vez mais sofisticadas e que muitas vezes são mais rápidas e praticas de manusear, muitas vezes desvalorizando a Arte Popular propriamente dita. Destaca-se que esta “perca” do Cordel está relacionada à confecção do mesmo, porém com isso, surgem novas formas de reprodução da arte que de certa forma auxiliaram também para sua propagação.

Porém J. Borges (2006) relata que o primeiro fator que causou o impacto para o Cordel, ou como o autor se refere a “decadência do império”, foi causado primeiramente nos anos 60 em que surgiu o rádio a pilha, em seguida veio o surgimento da televisão. Algum tempo depois o Cordel passou a elevar-se novamente através do turismo que era realizado nas regiões nordestinas, mas sua ascensão durou pouco. Entretanto o autor não vê somente este lado negativo, pois acredita que certo tempo após o surgimento destes meios de comunicação e do impacto que a Indústria Cultural causou, houve novamente um período de revalorização, percebe-se isso em um trecho de seu livro, (J. Borges, 2006 p.102):

É impossível descartar também a reconquista de espaço para o folheto popular em novas e diferentes faixas de leitores, há nítidos sinais de que o desencanto da elite cultural com a globalização esteja provocando a revalorização das raízes da cultura brasileira.

Um dos fatores que podem contribuir para a opinião acima do autor é que estes elementos que foram surgindo na sociedade atual (rádio, televisão, internet; tecnologias em geral) por um lado é vista como algo que foi considerada superior pelo público levando o Cordel a um lugar inferior em relação a eles. Entretanto não se pode negar que através principalmente da informatização, é possível ter um contato muito rápido sobre qualquer assunto, neste caso sobre Cordel, mesmo sendo através internet ou uma reportagem na televisão. As escolas também podem exercer papel fundamental para incentivo da valorização

da cultura brasileira.

De certa forma percebe-se que estes novos elementos que surgiram na sociedade atual tiveram como ponto positivo a ampliação do localismo artístico brasileiro, ou seja, pessoas da região sul do Brasil poderiam ter acesso ao Cordel, sem precisar visitar as regiões do nordeste. No caso das escolas é muito difícil encontrar Folhetos de Literatura de Cordel, é possível encontrar em alguns livros, porém resumidamente.

Por isso na área educacional, é impossível não reconhecer a contribuição que a informatização exercida pelo surgimento da Indústria Cultural para as salas de aulas. Estas tecnologias vieram auxiliar o trabalho docente, Grinspun (1999, p.49) fala da origem e da função da palavra tecnologia:

Conforme suas origens na Grécia antiga, a tecnologia é o conhecimento científico (teoria) transformado em técnica (habilidade). Esta, por sua vez, irá ampliar a possibilidade de produção de novos conhecimentos científicos. ‘A tecnologia envolve um conjunto organizado e sistematizado de diferentes conhecimentos, científicos, empíricos e até intuitivos voltados para um processo de aplicação na produção e na comercialização de bens e serviços’.

A expansão das tecnologias também foram um dos principais fatores que contribuíram para a disseminação do Cordel, percebe-se isso no trecho de Arruda (2004, p.13):

Nos últimos anos, a sociedade tem vivenciado grandes avanços tecnológicos. Tais avanços têm se refletido, continuamente, em diversos âmbitos. É nesse contexto que ocorre uma maior difusão de acesso à internet no Brasil e em função do desenvolvimento de recursos tecnológicos num ritmo bastante veloz, observa – se uma intensificação no uso do computador.

Com toda esta evolução no campo tecnológico surge o chamado “Cordel eletrônico” através da utilização da internet, entretanto o Cordel que primeiramente sentiu-se ameaçado com o surgimento desses novos elementos passa a perceber as contribuições que eles podem trazer ao Cordel. Um dos elementos tecnológicos mais utilizados pela população é a internet, sendo capaz de atingir os mais diferentes públicos, Viana (2006, p.1) diz que:

O cordel hoje está atingindo um público muito diversificado. Não é mais aquele público tradicional, composto em sua maioria por trabalhadores da periferia ou o sertanejo. Hoje o cordel está nas universidades, nas escolas, nas feiras, a gente está ocupando todos os espaços inclusive, a Internet.

Outro fator que não pode ser esquecido no meio de tantos, que surgiu juntamente com a Indústria Cultural é o aparecimento da fotografia. No caso do Cordel as representações

das imagens feitas em gravura, sofrem certo impacto com o surgimento da fotografia, que reproduz imagens reais, perfeitamente como a imagem fotografada enquanto a gravura do Cordel, são imagens chapadas, sem perspectivas baseadas na lei da frontalidade<sup>3</sup>, feitas pelos cordelistas, que geralmente não possuem formação artística nenhuma, entretanto fazem trabalhos tão belos quanto muitas as obras de arte. Porém a Indústria Cultural que é um recurso predominante na sociedade atual, neste aspecto não teve uma contribuição tão efetiva para o Cordel com o surgimento da fotografia.

### **RESULTADO DA PESQUISA COM OS ALUNOS:**

Obs: Este questionário foi feito oralmente com 20 educandos.

<b>PERGUNTAS</b>	<b>SIM</b>	<b>NÃO</b>
Você já teve algum tipo de acesso à Literatura de Cordel?	15 alunos	5 alunos
Já tinham visto algum trabalho em gravura como das imagens do Cordel?	8 alunos	12 alunos
Através dos estudos realizados sobre a Literatura de Cordel, você considera o mesmo importante para a Arte Brasileira?	20 alunos	-

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Através da pesquisa realizada foi possível conhecer um pouco da história do Cordel desde seus primórdios até os dias de hoje. Além de conhecer os obstáculos que a Literatura de Cordel passou até ser reconhecida como nos dias atuais.

Para a concretização da pesquisa foi realizado o trabalho na escola juntamente com os alunos. Os alunos estavam muito entusiasmados na realização das atividades, primeiramente por não conhecerem esta nova técnica de desenho e em um segundo momento por ser uma atividade no contexto da Literatura de Cordel, onde os mesmos relataram terem vistos alguma “coisa parecida” na tv.

Conforme o resultado desta pergunta foi realizado um trabalho prático com os alunos a partir das gravuras do Cordel, com o objetivo que os educandos conhecessem um pouco mais sobre a Gravura. A técnica realizada foi a da “isogravura” que é a gravura em pratos de

<sup>3</sup> A lei da frontalidade, é uma técnica inventada pelos egípcios, para essa representação são só possíveis três pontos de vista pela parte do observador: da frente, do perfil e de cima.

isopor. Cada aluno deveria elaborar uma breve história e confeccionar uma imagem para ela, depois de tirada as impressões com tinta preta os desenhos foram colocados pendurados em um cordão na sala de aula.

O terceiro e último momento, foi de uma pesquisa feita com eles com a seguinte questão: Através dos estudos realizados sobre a Literatura de Cordel, você considera o mesmo importante para a Arte Brasileira? Toda a turma destacou a importância do Cordel principalmente para a história cultural do Brasil, muitos falaram que a maioria das vezes o povo brasileiro acaba valorizando a Arte estrangeira e muitas vezes não conhece as riquezas do seu próprio país.

Através das pesquisas realizadas pode-se concluir que é importante ressaltar e valorizar a Literatura de Cordel principalmente no âmbito educacional, as matérias tanto de Língua Portuguesa como de Artes contemplam o Cordel em sua diretrizes curriculares. Portanto é necessário aprofundar estes assuntos para que os educandos compreendam melhor o patrimônio que o Brasil possui no campo artístico.

## REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Felipe. Revista Eletrônica Info Escola <Xillogravura> - 2011 Data de acesso 27/08/2012. 20:30h.

ARAÚJO, Patrícia Cristina de Aragão. O Olhar da Educação na Literatura de Cordel. 2012.

ARRUDA, Eucídio. CIBERPROFESSOR: Novas tecnologias, ensino e trabalho docente. Belo Horizonte: Autentica/ FCH – FUMEC, 2004.

ASSIS, Regiane Alves de. e TENÓRIO Carolina Martins. Literatura de Cordel como fonte de informação. 2011

ORGES. J. Gravura e cordel no Brasil – Brasília, Editora Universidade de Brasília, 2006.

COSTELLA, Antonio Fernando. Breve história ilustrada da Xillogravura. Campos do Jordão, Editora Mantiqueira, 2003.

Diretrizes Curriculares da Educação Básica. Editora: Jam3 Comunicações.2008

FRANKLIN, Jeová. Xillogravura Popular na Literatura de Cordel. Brasília, Editora L.G.E, 2007.

GRINSPUN, Mírian Paura Sabrosa Zippin. Educação Tecnológica. In: GRINSPUN, Mírian Paura Sabrosa Zippin (Org.) Educação Tecnológica: desafios e perspectivas. São Paulo, Ed. Cortez,1999.

OLIVEIRA, Pérsio Santos de. São Paulo: Ática, 2002.

PAGLIUCA, Lorita Marlena Freitag et al. Literatura de cordel: veículo de comunicação e educação em saúde. : <<http://www.scielo.br/pdf/tce/v16n4/a10v16n4.pdf>> Acesso em: 24 de Agosto de 2012.

Planejamento : OLIVEIRA, Dalila de Andrade. Gestão Democrática da Educação: Desafios Contemporâneos. 7ª edição. Petrópolis, RJ. Editora Vozes.

Reportagem Globo Rural : Literatura de Cordel – You Tube  
<[www.youtube.com/watch?v=7Dosjk6g5uQ](http://www.youtube.com/watch?v=7Dosjk6g5uQ)>. Acesso: 02/09/2012 às 17:30 hs.

SANTOS, Manuela Fonseca. A Literatura de Cordel. Revista de estudos Iberoamericanos. 2005.

Sua Pesquisa: <[www.suapesquisa.com/cordel](http://www.suapesquisa.com/cordel)> . Acesso: 27/08/2012 às 22:00 hs

SILVA, Fernanda Isis C. da; SOUZA, Edivanio Duarte de. Informação e formação da identidade cultural: o acesso à informação na literatura de cordel. , João Pessoa, jan./jun. 2006. Disponível em: <<http://www.ies.ufpb.br/ojs2/index.php/ies/article/view/455/1506>>. Acesso em: 27 Agosto. 2012.

TEXEIRA, Coelho. Indústria Cultural. Editora Brasiliense, 1993 ( s/ cidade)

Anexos (fotos):





